

OPINIÃO

Capital de Risco por Rodrigo de Matos



Economia Real

Luís Mira Amaral
geral@forumcompetitividade.org

AS IMPORTAÇÕES DE ELETRICIDADE

Estamos muito dependentes das energias eólica e hidroelétrica. Há um excesso de eólica e ainda baixa contribuição da solar, que deveria, como aqui expliquei, assentar muito na solar distribuída, e não na loucura em curso das megacentrais. O sistema repousa nas centrais a gás natural e nas importações para fazer face à intermitência das eólicas e a situações de seca, em que o contributo das hidroelétricas a fio de água é reduzido. Havendo correlação entre chuva e vento, em situações de seca também há falta de vento, ou seja, também fraca produção eólica. Como em Espanha os regimes de vento e de pluviosidade são semelhantes aos nossos, quando importamos de Espanha fazemo-lo numa situação de maior dificuldade do sistema do que quando exportamos, em que estamos a vender para Espanha excedentes de uma mercadoria de que eles também não necessitarão, e por isso os preços das importações de eletricidade serão naturalmente bem maiores do que os preços das exportações. A crise energética com preços de gás e eletricidade muito elevados, o diferencial de preços entre importação e exportação, conjugados

Como em Espanha os regimes de vento e de pluviosidade são semelhantes aos nossos, quando importamos fazemo-lo numa situação de maior dificuldade do que quando exportamos

com os elevados valores de importação de eletricidade em situações de seca, como aconteceu em 2022, explicam o valor recorde das importações líquidas (importações menos exportações) no ano passado, €1659 milhões! Tal criou grande nervosismo (compreensível...) nos defensores das renováveis intermitentes, levando-os a escreverem artigos a tentarem desdramatizar a situação... Os algoritmos para a alocação da geração no mercado *spot* do MIBEL levam a otimizar em cada instante o *mix* mais económico de produção, mas esses algoritmos trabalham com os sistemas existentes, e, como vimos, o sistema português está desequilibrado, muito vulnerável à intermitência das eólicas e a regimes de seca. A entrada de mais potência solar na nossa rede permitirá atenuar as dificuldades nesses períodos de seca. No fundo, esse mercado *spot* reflete para a eletricidade, como para qualquer mercadoria, o facto de termos de importar ou porque não temos produção ou porque é mais barato em termos de preço importar do que produzir internamente. Em 2022 até fizemos importações de socorro, sem ter as nossas centrais a gás no máximo, porque não se quis comprar no mercado *spot* gás adicional em relação aos contratos de longo prazo *take or pay*, o que levou a esvaziamentos de algumas albufeiras para se produzir eletricidade e a importações de Espanha de cerca de 30% do nosso consumo!

Engenheiro (IST) e economista (Msc NovaSBE)

Para assegurar um futuro competitivo é necessário executar os fundos disponíveis, fazer uma reforma regulamentar, promover o investimento e incentivar a colaboração público-privada

É fundamental impulsionar o 5G na Europa

Juan Olivera

Estamos num momento crucial do ponto de vista tecnológico. Os avanços que vivemos levam-nos a outros momentos de disrupção, similares aos que se sentiram aquando do nascimento da internet ou a Revolução Industrial. No entanto, desta vez a Europa corre o risco de ficar para trás. O nosso continente acumula um atraso significativo na implementação do 5G, a solução que se assume como a espinha dorsal da sociedade do futuro. Se considerarmos dados que reportam a finais de 2022, os quais esclarecem qual a percentagem de sites de 4G adaptados para o 5G, o desenvolvimento da nova tecnologia tem sido muito mais célere noutros polos globais: Coreia do Sul (86%), América do Norte (31%), China (28%), Japão (19%) e Médio Oriente (13%), em comparação com os parcos 11% verificados na Europa. A boa notícia é que está em curso um trabalho árduo que visa colmatar essa lacuna. Com o seu historial de inovação, espera-se que alcance uma taxa de implementação do 5G superior a 30% nos próximos três anos. No entanto, há elementos que podem travar esta evolução na União Europeia. É o caso do atual regulamento, que está em vigor há três décadas e foi concebido para facilitar a transição dos monopólios para um ambiente concorrencial. No entanto, revelou-se intervencionista e concentrou-se no aumento artificial

do número de operadores em cada Estado-membro, ao procurar deflacionar os preços cobrados ao consumidor final. Esta situação conduziu a uma fragmentação do mercado europeu das telecomunicações: 38 operadores com mais de meio milhão de clientes, contra sete nos EUA, quatro no Japão e três na Coreia do Sul. Tal resultou numa perda de escala dos operadores europeus, com uma média de 4,4 milhões de assinantes, em comparação com 95 milhões de assinantes nos Estados Unidos. Além disso, o sector das telecomunicações na Europa enfrenta uma debilidade operacional estrutural

O sector das telecomunicações na Europa enfrenta uma debilidade operacional estrutural há quase uma década, refletida em valores de retorno do capital investido (ROCE) muito abaixo do custo médio do capital

há quase uma década, refletida em valores de retorno do capital investido (ROCE) muito abaixo do custo médio do capital. A título exemplificativo, através de dados referentes a 2021, o ROCE dos operadores europeus foi de 6,7%, enquanto o custo de capital ficou entre 10% e 12%. Esta situação gerou uma incapacidade de investir no 5G, uma vez que a participação necessária para implementar a tecnologia com uma taxa positiva de retorno é de 30%. Em comparação com os EUA e o Japão, a capacidade de investimento *per capita* na Europa é 102% e 127% inferior, respetivamente. A atribuição do espectro desempenha um papel importante neste contexto. Os reguladores nacionais podem ter um impacto negativo ao amplificarem a pressão financeira sobre os operadores neste domínio. Tal pressão adicional dificulta ainda mais a sua situação financeira e a implementação eficiente do 5G, bem como a atração de novos investidores na Europa. Para ultrapassar estas dificuldades é necessário rever e adaptar a regulamentação existente, incentivar a consolidação intramercado e pan-europeia e estabelecer políticas que promovam o investimento e a eficiência na atribuição do espectro. Assim, permitirá aos operadores europeus ganhar escala e equilibrar os seus modelos operacionais. É também crucial maximizar o investimento privado, o que significa sacrificar receitas em leilões. Na Europa, o custo global dos leilões 5G de 700 MHz e 3400-3800 MHz entre 2016 e 2022 foi superior a 25 mil

milhões de euros. Para reduzir estes custos, uma medida eficaz consiste na imposição de obrigações de investimento aos operadores, ao invés de tarifas públicas do espetro, para, dessa forma, incentivar a um maior investimento em infraestruturas. Torna-se essencial que os Governos implementem os fundos (EURF) já aprovados pela União Europeia com o objetivo de facilitar a recuperação e resiliência europeias. Estes fundos deverão destinar-se a subvenções e empréstimos bonificados para os Estados-membros. É o que se verifica, por exemplo, em Espanha e Itália, países onde será desenvolvido um plano que visa criar impacto nas regiões mais rurais através do financiamento da conectividade móvel em banda larga para todos, com consequências na redução do fosso digital. Algo que pode e deve ser igualmente promovido em Portugal. É ainda muito importante eliminar as taxas associadas ao espetro e a imposição de obrigações de cobertura para impulsionar o 5G na Europa. Dessa forma, as operadoras poderão alocar maiores recursos à expansão e melhorar as suas redes. Para assegurar um futuro próspero e competitivo no domínio do 5G na Europa é necessário executar os fundos disponíveis, proceder a uma reforma regulamentar, promover o investimento privado e incentivar a colaboração público-privada. Em conjunto, poderemos alcançar um futuro digital bem-sucedido e permanecer na vanguarda da economia e da tecnologia globais.

CEO da Ericsson Portugal